

Representações Sociais: A (in) visibilidade da População Negra na Mídia Televisiva Brasileira¹

Rebeca Karen de SOUZA²
Juliana de Souza Mavoungou YADE³
Marcelo da Silva ROCHA⁴

Resumo

Este artigo é fruto de uma discussão inicial sobre a população negra e a mídia, tem como objetivo analisar como ocorre a representatividade do negro em telejornais da rede Globo (São Paulo – Capital e região metropolitana) e da filial RBS (Rio Grande do Sul- região dos Pampas) O método utilizado foi análise de conteúdo do meio midiático entre estes dois estados diferentes, embasados na literatura existente sobre mídia e relações raciais, representação da população negra no meio jornalístico.

Palavras-chave

Representatividade; Mídia; População Negra.

1. Introdução

O padrão social em nosso país esteve sempre de costas para a África. Daí a intolerância para com a nossa cor de pele, nossa feição e nosso cabelo.

(Heraldo Pereira, em entrevista para a Revista Raça Brasil, abril de 2014)

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo

² Estudante de Graduação em Comunicação Social na UNIPAMPA.
E-mail: rebeccakarendesouza@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela UFC. E-mail: juli.soul@hotmail.com

⁴ Doutor Adjunto III da Universidade Federal do Pampa – Campus São Borja.
E-mail: marcelorochoa@unipampa.edu.br

A mídia televisiva no Brasil, nas últimas décadas tem sido um importante meio de comunicação de massa. Com isso, além de informar, este meio de comunicação forma valores e opiniões sobre as mais diversas questões que estão presentes no cotidiano. Outra questão que está posta na mídia televisiva é a imagem, e esta é a questão que desejamos discutir ao longo desse texto.

O Brasil é um país que em sua formação inicial recebe três matrizes (indígena, europeia e africana) que definirão a formação histórica, cultural e social da população. E isto ainda é percebido nas características do povo brasileiro em larga escala. Porém, quando assistimos a um programa de televisão, seja ele de qual segmento for, não vemos a diversidade que compõe o país representada na imagem dos trabalhadores e trabalhadoras que estão na frente das câmeras na mídia televisiva. Ressaltamos que em outras mídias impressas de grande circulação como as revistas de entretenimento e moda, também ocorre o mesmo fato.

Existe uma ausência de representação da população negra e indígena na mídia, implicando em questões relativas às representações sociais. Com isso:

Verifica-se que a estética dos principais telejornalismo brasileiro transmitido pelas principais emissoras de TV em sinal aberto (Cultura, SBT, Globo, Rede TV!, Gazeta e Bandeirantes) é formado predominantemente por jornalistas brancos e, conseqüentemente, constata-se existir pouca diversidade étnica nesses programas. (ACEVEDO, TRINDADE, 2011, p. 90).

A invisibilidade da diversa composição étnico-cultural brasileira nas mídias, reverbera para todos os espaços de sociabilidade, e possibilita a leitura do lugar social permitido ou não aos cidadãos brasileiros de acordo com sua descendência. A tipologia da notícia, a propaganda, os programas televisivos e a associação de imagem a que estarão atrelados determinados tipos humanos estão ligados às representações que serão de alguma forma inculcadas no imaginário da população como um todo. Repensar tais questões colocamos no cerne da questão do racismo existente em nosso país, que não é exclusividade brasileira, mas em nosso caso há um discurso que vem sendo construído pela mídia, que perpassa as relações cotidianas por compreender uma produção cultural de massa. Thompson (1995) alerta que as formas simbólicas atuam na formação discursiva na realidade social de modo a criar e manter as relações de dominação. O autor ainda afirma

que: “a mídia ocupa um lugar central na definição de pautas e de conteúdo do discurso público” (Silva, 2005 apud Thomas, 1995).

Esta pesquisa que foi realizada por meio de análise técnica dos telejornais da rede Globo em São Paulo e a filial da emissora nas cidades gaúchas (RBS) a partir dos resultados, discutimos a mídia e seu papel no processo educativo na sociedade brasileira.

2. Uma pequena análise da composição étnico-racial da população brasileira

Ao buscarmos dados oficiais sobre a composição da população brasileira, nos deparamos com os dados fornecidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) que traz uma amostra da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro Geográfico de Estatísticas (IBGE). A população brasileira estimada pelo censo de 2010 é formada por 190.732.694 pessoas, e nesse censo, teremos a informação que a população brasileira deixa de declarar-se predominantemente branca, e que a população negra apesar de ser a majoritária ainda sofre com a desigualdade racial. Esta desigualdade atua nos mais diversos campos da sociedade gerando disparidade de representatividade em setores de prestígio e sobretudo econômica.

Sobre a diferenciação apresentada no censo de 2010 em relação ao censo de 2000 referente ao aumento da população negra brasileira o analista socioeconômico do IBGE, Jefferson Mariano, afirma que:

Essa mudança de cenário faz parte de uma mudança cultural que vem sendo observada desde o Censo de 1991. “O Brasil ainda é racista e discriminatório. Não é que da noite para o dia o País tenha deixado de ser racista, mas existem políticas. As demandas (da população negra), a questão da exclusão, tudo isso começou a fazer parte da agenda política⁴

O maior percentual de população negra concentra-se principalmente nas regiões Nordeste e Sudeste. São Paulo, em 2005, teve um maior índice de população negra do país, sendo que 12,5 milhões de pessoas autodeclararam-se afrodescendentes, aproximadamente 31% da população do estado, segundo os dados que foram divulgados pela PNAD, 2005. Porém, entre termos relativos, é um estado de menor proporção de população negra, juntamente com a Região Sul, onde as pessoas que se declaram pardas/negras, são 50% da população.

⁴ Texto disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/07/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>

Os dados que utilizamos para a realização deste artigo, estão disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) que apresenta a descrição da população brasileira, mas traz um recorte da composição étnico-racial da população. E são obtidos por meio de pesquisa no sistema Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) coletados através de entrevistas com a população.

Vejamos os gráficos abaixo:

Cor/Raça	2000		2010	
Branca	91.298.042	53,77%	91.051.646	47,73%
Preta	10.554.336	6,22%	14.517.961	7,61%
Parda	65.318.092	38,47%	82.277.333	43,13%
Amarela	761.583	0,45%	2.084.288	1,09%
Indígena	734.127	0,43%	817.963	0,43%
Ignorada	1.132.990	0,67%	6.608	0,003%
TOTAL	169.799.170	100%	190.749.191	100%

Percentual comparativo da composição étnico-racial da população brasileira 200/2010.⁵

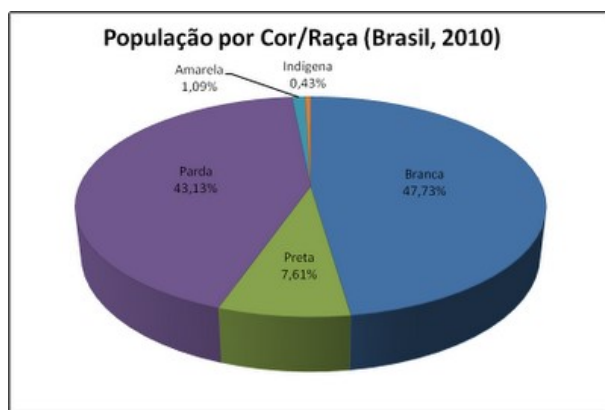


Gráfico produzido a partir de dados do IBGE 2010⁶

As pesquisas estatísticas nos evidenciam que a população brasileira em sua composição étnico-racial longe está de ser apenas euro-descendente, como nos afirma diariamente as imagens que adentram as casas das famílias brasileiras via este poderoso instrumento de cultura de massa, a televisão.

⁵ Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/assessoria_imprensa/mostra_noticia.php?codigo=12137

⁶ Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/assessoria_imprensa/mostra_noticia.php?codigo=12137

A questão que desejamos elucidar nesse artigo que é fruto de uma discussão inicial sobre população negra brasileira e mídia televisiva, recai sobre a categoria da representatividade social. E não há como pensarmos a representatividade sem nos remetermos ao conceito que embasou a produção intelectual a partir da década de 1930, o culturalismo.

Abramowics e Rodrigues (2013, p. 20) salientam que:

O culturalismo entra no Brasil na década de 1930, a serviço de uma reflexão sobre a nossa formação como povo sobre questões decorrentes da presença de pessoas tão diversas em nosso processo de construção nacional, o que não deixa de ser uma novidade em termos de sua aplicação. Naquela mesma década, marco da reflexão culturalista no Brasil, são duas as fontes de diversidade cultural que preocupam antropólogos e, sobretudo políticos e educadores: os numerosos descendentes de imigrantes italianos, alemães e japoneses concentrados em sua quase totalidade nos estados Sul, e os descendentes de africanos, disseminados por todo o país, contingentes profundamente diversos.

A diversidade constituiu-se como uma ameaça à unidade nacional, por isso, políticas públicas baseadas na eugenia, foram amplamente difundidas a partir da intelectualidade e de políticos brasileiros. A este respeito, as autoras seguem dizendo que: “a preocupação dos políticos e educadores: de um lado o abasileiramento dos descendentes de imigrantes, de outro, a erradicação das tradições culturais de origem africana, uma ameaça permanente ao projeto de construção de um país branco, ocidental e cristão”. (*ibidem*)

O apagamento dos referenciais de origem africana no Brasil culminou em uma série de proibições que vão desde a criminalização das religiosidades de matriz africana (SANTOS, 2013) a interdições de festas públicas de origens africanas amplamente difundidas em todo o território nacional, como os batuques, tambus, umbigadas, candomblés, congadas dentre outras. Política e educação sempre estiveram juntas na fomentação de políticas públicas. A opção por uma epistemologia culturalista, contribuiu para velar o referencial racista impresso na sociedade brasileira; a comunicação social, não escapou desta formulação que perpassa ainda na atualidade a nossa existência como nação. Sodré a esse respeito diz que: O racismo modula-se e cresce à sombra do difusionismo culturalista euroamericano e do entretenimento rebarbativo oferecido às massas pela televisão e outros ramos industriais do espetáculo.

Ao examinar a construção do imaginário em torno da Revolução Farroupilha, Juremir Machado da Silva (2014) investigou documentos que facultaram um estudo

percuciente sobre aspectos contextuais que sustentaram e configuraram os ideários deste episódio da história gaúcha.

Juremir aduz que, a despeito dos discursos abolicionistas, a luta armada era financiada pela venda de escravos. Ademais, o autor lança elementos para a reflexão sobre a traição na batalha dos Porongos, quando os revolucionários negros foram massacrados por um ataque das forças imperiais.

Ao cotejar o passado histórico do Rio Grande do Sul com a realidade brasileira hodierna, Juremir mostra traços de convergência. Nesse sentido, conforme aponta o autor:

O número de negros assassinados por ano no Brasil é duas vezes maior do que o de brancos. Entre 2006 e 2007, 59896 negros foram vítimas de homicídio no país. (...). Em 2000, conforme dados do Provão do MEC, nos prestigiosos cursos de Administração, Direito, Medicina Veterinária, Odontologia, Medicina, Jornalismo e Psicologia, brancos eram mais de oitenta por cento de estudantes. (...). Pelo jeito, os negros continuam sendo eliminados. (2014, p.327)

Embora os dados apresentados por Juremir sejam significativos para a busca de compreensão da identidade étnica nacional e suas iniquidades, não menos importante são as representações que movem os indivíduos e suas coletividades. Dessa forma, as representações tornam-se igualmente relevantes na medida em que podem abarcar a produção de conhecimento, englobando estruturas sociais e cognitivas articuladas aos grupos que as configuram.

Ao referenciarmo-nos à representação social, coadunamos com os posicionamentos de Serge Moscovici, o intelectual em sua obra faz importantes considerações sobre o tema, elucidando que tal categoria, auxilia na construção de conceitos prévios sobre crença, identidade étnica, identidade sociocultural, identidade de gênero, etc. São, por estes marcadores estabelecidos previamente pela representação social que os indivíduos se apropriam para a elaboração da comunicação verbal e não-verbal. O autor afirma que:

É claro, são tais representações que moldam esta realidade meio física, meio imaginária, que é a realidade social. Sobre os fenômenos de comunicação social, eles nomeiam as trocas de mensagens linguísticas e não linguísticas (imagens, gestos, etc.) entre indivíduos e grupos. Consistem nos meios utilizados para transmitir determinadas informações e influenciar o outro. (1984, p. 7)

Os processos de formação identitária perpassa a representatividade social. Ainda que tardiamente, é necessário que a temática faça parte de amplas discussões na academia e na

sociedade civil. Os movimentos sociais negros a tempos anunciam e denunciam respectivamente, a necessidade de inserção da população negra nas diversas mídias e os efeitos nefastos da ausência de representatividade do coletivo negro nas diferentes esferas sociais, dentre elas a mídia televisiva. Essas, são demandas que embora seja parte de uma longa militância desde de 1915 com da Imprensa Negra, em 1940 com o Teatro Experimental do Negro, em 1988 com a nova Constituição brasileira, racismo passa a ser considerado crime, e foi regulamentado pela Lei nº 7.776. Na década de 1990, começaremos a visualizar de forma mais sistematizada as demandas elencadas pelos movimentos sociais negros por representatividade e afirmação identitária.

2.1 Os telejornais e suas representações

A imagem depreciada do negro na mídia é parte de uma construção histórica. As primeiras aparições de negros na mídia impressa, dá-se nos noticiários de compra e venda de escravizados, sessões destinadas ao anuncio de fugitivos ou escravizados que tivesse cometido algum tipo de crime. Mesmo com o pós-abolição não houve mudanças significativas nesse quadro, pois o escravismo criminoso de forma indelével marcou a sociedade brasileira. Darci Ribeiro (1995, p. 221,221) constata que:

As atuais classes dominantes brasileiras, feitas de filhos e netos dos antigos senhores de escravos, guardam, diante do negro a mesma atitude de desprezo. Para seus pais, o negro, escravo e forro, bem como o mulato, eram meras forças energéticas, como um saco de carvão, que desgastado era substituído facilmente por outro que comprava. Para seus descendentes, o negro livre, mulato e o branco pobre são também o que mais há de rele, pela preguiça, pela ignorância, pela criminalidade muitas vezes inata e inelutáveis.

A atitudes denunciadas por Ribeiro (1995), estão embasadas na ideologia de supremacia racial da população eurodescendente e que dá sustentação à invisibilidade da população negra nos mais diversos meios de comunicação. O seio midiático é lugar de disputa ideológica e grupos sociais influentes apossam-se de forma a veicular imagens, discursos, mitos e espetáculos que lhe valham como referenciais. (Osório, 2013).

Em conformidade com os autores acima apresentados, Gilroy (2001, p.408) afirma que: “é a relação entre senhores e escravos que fornece a chave para entender a posição do negro no mundo moderno”. Embora na atualidade, a própria mídia tente forjar a história do escravismo como algo ultrapassado, e sem ligação com os lugares atuais de subalternidade

que ocupados majoritariamente pela população negra, é ele, como representação social que auxilia na decodificação dos signos que envolvem a complexa relação racial e mídia no Brasil.

A mídia televisiva “possui um papel muito importante na sociedade como agente produtor de discursos, e além disso, uma vez que contribui fortemente na construção e no reforço dos papéis sociais, é por seu intermédio que os diferentes grupos sociais obtêm reconhecimento, visibilidade e afirmação de sua identidade” (ACEVEDO, TRINDADE, p. 94, 2011). Afirmamos que a ausência de jornalistas afrodescendentes nas programações diárias das TVs contribui para invisibilidade de uma parcela significativa da população brasileira pois segundo Jacques D’Andesky (2001, p.76)

[...] a identidade para se constituir como realidade, pressupõe uma interação. A idéia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento [...]

Pesquisadores, vem discutindo sobre o racismo midiático, como um potente meio de negação da diversidade existente na sociedade brasileira (Sodré, 1999, Oliveira, 2011, Grijó, 2012). O racismo é um elemento estrutural da sociedade brasileira e nele se embasa as relações que surgem no âmbito dessa sociedade.

Muniz Sodré (1999) diz que a mídia opera como um intelectual das massas Tais questões como aponta Grijó (2012) “reflete nos meios de comunicação de massa, como a televisão, não sendo algo exclusivo do sul do país, mas presente nas emissoras de televisão no geral, tanto nas telenovelas quanto nos telejornais”.

Reconhecemos que esta questão tem desdobramentos históricos que vão desde os aspectos de subalternidade que se criou referente à população negra na sociedade brasileira, até o mito da democracia racial que nega existência da desigualdade racial em nossa sociedade, porém “no imaginário brasileiro o branco é aceito como protagonista, posicionando o negro e o indígena à parte” (BAPTISTA, 2008, p. 23)

Ainda sobre o imaginário, afirmamos através das palavras de Joel Zito Araújo (2000, p. 19) que:

Na reestruturação “modernizadora” do imaginário brasileiro, a produção televisiva contribuiu com um elogio permanente às características estéticas do segmento euro-descendente, reafirmando uma espécie de vitória simbólica da ideologia do branqueamento. Este construto, criado pelas elites no final da escravidão, norteou um universo ficcional com pretensa representação do real, marcado por personagens brancas, altas e

magras, que nunca fez jus à maioria da população que circula pelas ruas das nossas metrópoles.

O processo de naturalização da estética europeia nas mídias brasileira coaduna com os valores desejados por intelectuais ao final do século XIX e início do século XX. Aproximamo-nos no segundo decênio do século XXI, televisivamente, somos uma nação que deu certo?

2.2 O que vimos nos telejornais analisados?

Na programação da televisão gaúcha RBS TV filial da rede globo percebemos uma pequena representação dos afrodescendentes nos telejornais.

Em 01 de dezembro de 2014, estreou uma nova programação jornalística. O telejornal entra no ar a partir das 05h00, um horário que podemos considerar de pouca audiência. Nele vemos retratada a vida matinal a população gaúcha, a apresentação é por conta de Monalisa Perrone (jornalista branca) que traz notícias sobre a cidade, falando do trânsito para os motoristas, e dentre outros assuntos. A meteorologia é apresentada por Maria Júlia Coutinho (jornalista negra), que apresenta as diferenças climáticas entre os estados.

No jornal do início da tarde, que é transmitido ao meio-dia, Cristina Ranzolin (jornalista branca) âncora do Jornal do Almoço (JÁ). O jornal é transmitido em Uruguaiana e São Borja. Manoel Soares (repórter negro) tem um quadro no jornal, onde apresenta fatos relacionados a educação, saúde e cultura.

Em São Paulo, analisamos a programação TV Globo São Paulo, e obtivemos a seguinte análise: os telejornais locais, que abrange a capital e a região metropolitana de São Paulo, são apresentados por jornalistas (brancos).

Entretanto, quando William Bonner (jornalista branco) âncora do Jornal Nacional entra em férias, o necessita de substituição, é feito por Heraldo Pereira (jornalista negro) que se torna âncora do telejornal.

Notadamente, há uma baixa representatividade da população negra nos telejornais da referida rede de TV, fato que vem atestar que existe um processo de exclusão da população negra em todo contexto social brasileiro. Valoriza-se um padrão hegemônico que não representa a população como um todo. Dennis Oliveira diz que o que existe é uma “tolerância opressiva” que se torna um mecanismo de opressão que ganha corpo em uma sociedade marcada pela cultura da mídia que se expressa pela demarcação de espaços permitidos ou proibidos para a população negra.

A cada telejornal que assistimos na televisão brasileira, pouco vemos a população negra representada na mídia, uma população que, tanto quanto outras representações populacionais são protagonistas históricos, e compõe 52% da população brasileira de acordo com os dados do IBGE 2010.

A mídia televisiva brasileira exerce um papel educativo que se instaura no campo da educação não-formal. Segundo Ghon (2006, p. 28) a educação não-formal designa um processo com várias dimensões [...] aprendizagens que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a mídia eletrônica. Ao longo do texto apresentamos os modos como a mídia televisiva atua como um caminho de naturalização de determinados valores socioculturais em detrimento de outros.

A capacidade que a mídia tem em formular e valorar opiniões perpassa o cotidiano das pessoas e se expressam nas relações sociais. A representação social que a população negra ocupa atualidade nos meios de comunicação que atingem uma grande maioria de brasileiros também negros e brancos, localiza-se na sub-representação.

Os processos educativos presentes nas diferentes fontes midiáticas através dos meios de comunicação de massa perpassa toda a existência de um indivíduo. Os meios de comunicação estão presentes e a mídia instauram-se como um dos modos da educação não-formal. A diversidade é um tema que vem sendo evocado nas mais diferentes áreas do conhecimento. As concepções estereotipadas sobre o negro brasileiro presentes na mídia televisiva, foi e é alvo de denúncias que partem da sociedade civil e de movimentos sociais e coletivos negros.

3. Considerações finais

Embora São Paulo e Rio grande do Sul sejam estados que em podemos observar um expressivo percentual de população negra, esta não está representada na mídia televisiva. O Brasil sendo um país que tem metade de sua população autodeclarada afrodescendente ocorre um processo de invisibilização dos afrodescendentes. Podemos afirmar que no que se diz respeito a visibilidade e representatividade na mídia televisiva ou impressa ainda há

uma desigualdade gritante entre negros e brancos, e como vimos esta desigualdade se representa em vários aspectos do cotidiano.

No caso do Rio Grande do Sul, a matriz étnica do estado configurou-se a partir de um imaginário do tradicionalismo que, conforme assevera Golin (2008), “reforçou e reificou ontologicamente seu conservadorismo”, a partir de um civismo retrógrado em uma realidade contemporânea. Assim, a não-absorção do capital simbólico multicultural e multiétnico mostra muito mais uma sociedade ancorada no “revir” (voltada ao passado) do que no presente, o que se afigura em suas representações midiáticas.

Queremos ressaltar que existem aspectos históricos que precisam ser considerados e analisados, pois estes aspectos influenciam toda a sociedade brasileira. Na atualidade existem diversas pesquisas que nos ajudam entender o que é e quais são os aspectos que ocorrem no racismo midiático, pois este manifesta-se muitas vezes silenciosamente, na ausência de representatividade de uma parcela tão significativa da população brasileira.

Referências:

ABRAMOWICS, A. , RODRIGUES, T. C. **O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisa em educação.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100002. Acesso em: 23/04/2015.

ACEVEDO, C. R., TRINDADE, L. V. P, **Análise de audiência e diversidade étnica nos telejornais brasileiros.** Revista ALCEU - v. 11 - n.22 - p. 90 a 108 - jan./jun. 2011, Disponível em: <<http://revistaalceu.com.pucRio.br/media/Artigo6%20Claudia%20Rosa%20Acevedo%20e%20Luiz%20Valerio%20de%20Paula%20Trindade%20-%20pp90-108.pdf>> Acesso em: 13/11/2014.

ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil.** O negro na telenovela brasileira. São Paulo: Editora SENAC, 2000. Disponível em:< <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/pesqtv.pdf> Acesso em: 01/12/2014.

BAPTISTA, P. V. S.; Rosemberg , F. **Brasil: lugares de negros e brancos na mídia.** In: Racismo e discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, 2008. pp.73-117.

D’ ANDESKY, J. **Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

GILROY, P. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência.** Trad. Cid Knipel, São Paulo: Editora 34, Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Sociais AfroAsiáticos, 2001.

GOLIN, Tau. Tradicionalismo e modernidade conservadora no ‘estado-marca’. In: BOEIRA, Nelson (Org). **Rio Grande em debate: conservadorismo e mudança**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

GRIJÓ, W. P. **Que negro é esse na cultura da mídia?** Uma análise a partir da cultura gaúcha. Revista da ABPN, v. 4, n. 8, jul.–out. 2012, p. 52-67. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewFile/256/22>> Acesso em: 01/12/2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo>> Acesso em: 17/11/2014.

Moscovici, S. **Introduction: le domaine de la psychologie sociale**. In S. Moscovici (Org.). *Psychologie Sociale*. Paris: PUF, 1984.

OLIVEIRA, D. **Racismo midiaticado: quando o antagonismo se transforma em mera diferença**. Centro de Estudos Africanos da USP. 2011.

Osório, A. M. **A (in) visibilidade do negro da negra na publicidade**. (Monografia) Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Fortaleza. 2013. 51p.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, T. L. **Leis e Religião: as ações do estado sobre as religiões no Brasil no século XIX**. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/anais4/st16/7.pdf> Acesso em: 30/03/2014

SILVA, Juremir Machado da. **História Regional da Infâmia: o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários)**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

SODRÉ, M. **Claros e escuros**. Identidade, povo e mídia no Brasil. 2ª ed. Petrópolis. Vozes, 1999.

Texto do Trabalho

Cras interdum diam vitae mauris sodales pulvinar. Donec eu metus sem, et vulputate purus. Etiam at neque vitae metus laoreet adipiscing quis vitae magna. Proin a elit quis risus

feugiat commodo vitae ac elit. Sed ante sapien, volutpat ac interdum eu, pulvinar quis quam. Quisque viverra sem luctus lorem venenatis id ultrices ligula ullamcorper. Suspendisse auctor elit eget justo malesuada non tristique neque pulvinar. Morbi placerat urna non massa tempus posuere et ac ante. Quisque feugiat augue non diam euismod posuere. Suspendisse a rutrum lectus. Vivamus volutpat enim ut est lacinia eu venenatis dui euismod. Vestibulum placerat ornare porta. In malesuada nisl vitae nisl aliquet non posuere erat adipiscing. Sed mi neque, lacinia consectetur sollicitudin eu, accumsan sed massa. Proin ultricies luctus tortor, id dapibus ipsum rutrum sit amet. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit.

Duis vulputate gravida dolor, id gravida felis convallis tincidunt. Mauris sed laoreet odio. Proin facilisis augue sed quam consectetur non tempus nisl porttitor. Sed sollicitudin nibh leo, sed egestas dolor. Quisque tempor leo sed lorem tincidunt id placerat turpis malesuada. Pellentesque posuere dolor eu felis convallis bibendum. Donec ullamcorper, est id bibendum tempor, dolor dui venenatis purus, nec egestas magna odio id quam. Mauris lacinia dignissim massa, eget dictum quam accumsan ut. In vitae scelerisque tortor. Nulla facilisi. Phasellus in massa non dolor euismod dignissim.

REFERÊNCIAS

Exemplo com 01 autor:

GOMES, L. F. **Cinema nacional**: caminhos percorridos. São Paulo: Ed.USP, 2007.

Obs: verificar outros exemplos na norma da ABNT 6023.